

14 abril 21h30
 auditório TAGV
 duração aprox. 30min.
 M12

Isto Não É Para Gente, É Para Besta!

criação e interpretação
 Magda

composição musical
 e apoio à criação
 Miguel F

desenho de luz
 Francisco Campos

design de som
 João Coutada

figurinos
 Magda, Margarida Magalhães

apoio à investigação
 Arminda Santos

apoio às residências artísticas
 Instável – Centro Coreográfico,
 Sekoia Artes Performativas, deVIR/
 CAPa

coprodução
 Instável – Centro Coreográfico,
 Teatro Municipal do Porto

apoio
 Fundação GDA

Isto Não É Para Gente, É Para Besta!

Magda

Alguns dos problemas do tempo das Carquejeiras – século XIX e início do século XX – ainda são motivo para sairmos à rua com o punho cerrado. Outros, são só dissemelhantes. Numa era digital em que assistimos à capitalização dos corpos e à sua hipersexualização, é urgente refletirmos sobre as carquejeiras contemporâneas mas também preservar e enaltecer a memória invisibilizada dos “ouriços humanos” que subiam a antiga Calçada da Corticeira com o peso equivalente ao de 20 televisores ultra HD. Por entre repetições, gestos, respirações e do bater, a criadora partilha as suas inquietações como mulher, na luta por todas as que estão e as que desejavam estar.

Através do documentário *Carquejeiras – As Escravas do Porto*, de Arminda Sousa Deusdado, surgiu o primeiro contacto com a história das Carquejeiras. Após perceber a marca histórica, cívica e social que deixaram na minha cidade, o Porto, mas que é por muitos desconhecida, nasceu a urgência de pesquisar e criar a partir dos corpos e legado histórico e simbólico destas mulheres.

As Carquejeiras tiveram uma função fundamental, no entanto penosa e cruel, na sociedade portuguesa, o trabalho consistia em transportar sofregamente a carqueja (uma planta) que aparava os fornos que coziavam o pão da cidade e que aquecia as casas burguesas.

Nesta história encontramos vários episódios dramáticos, nomeadamente o aborto espontâneo. Muitas delas estavam grávidas e por carência financeira tinham de continuar o seu árduo trabalho originando abortos. A exploração laboral com que estas mulheres se confrontavam diariamente é facilmente identificável na discriminação laboral sofrida pelas mulheres nos dias de hoje. A exploração de classe e a violência sustentada por um poder patriarcal alimentado pela desigualdade de género fez com que estas mulheres carregassem carqueja por caminhos com 21 graus de declive. Infelizmente em pleno século XXI ainda temos que debater sobre as mesmas opressões de classe e género do século XIX e início do século XX. Será que estamos suficientemente conscientes destes agentes e do seu retardamento?

As “carquejeiras contemporâneas” — mulheres que hoje continuam a lutar contra a precariedade, a exploração e a objetificação — foram fundamentais na construção deste espetáculo. Através delas, abordei temas como a capitalização dos corpos femininos e a sua hipersexualização, potenciada pela era digital.

Neste solo, homenagear as Carquejeiras é mais do que revisitar o passado — é reconhecer a força invisível que sustenta a história e a sociedade até hoje. Ao desenterrar estas memórias, dei corpo a uma resistência que permanece atual. Falar destas mulheres é também falar do papel da mulher na sociedade contemporânea e do peso simbólico e real que ainda carrega.

Este espetáculo é, por isso, um exercício de ressignificação, escavação, de denúncia e de reinvenção — uma dança que propõe olhar o passado como espelho e aviso, e que transforma a memória num gesto de justiça e consciência coletiva.

— Magda

O Quê?

CRIAÇÃO
Mariana Silva

INTERPRETAÇÃO
Pedro de Aires

DESIGN DE LUZ
Sara Nogueira

Estes espetáculos são apresentados no Festival Abril Dança Coimbra, no âmbito da extensão *Warm Up*, uma iniciativa do Teatro Viriato, em parceria com o TAGV

Organização Festival Abril Dança Coimbra: Teatro Académico de Gil Vicente, Câmara Municipal de Coimbra/Convento São Francisco

MORADA
Praça da República
3000-343 Coimbra

BILHETEIRA
Segunda a sexta-feira:
17h00 — 20h00
Sábados, domingos e feriados:
encerrada.
Em dias de eventos: abre duas horas antes e encerra uma hora depois do início do espetáculo.
Online: tagv.bol.pt

TELEFONE
239 855 630

EMAIL
teatro@tagv.uc.pt

FACEBOOK:
@TeatroAcademicodeGilVicente

INSTAGRAM:
@teatroacademicodegilvicente

O Quê?

Mariana Silva

Com grande inspiração na boca de *Not I*, de Samuel Beckett. *O Quê?* é um solo para pessoas melancólicas e tristes. Num tempo de individualismos extremos, onde ninguém se ouve, a incomunicabilidade, tão recorrente em ambientes do absurdo, parece fazer mais sentido do que nunca. Na vida, falhamos na escuta do outro. No palco surge a vontade de um encontro entre intérprete e público. Emissor e recetor. Ambos vão tentar comunicar e vão falhar. Em *O Quê?* um conta a história, um corpo frenético a vomitar o passado e o presente na expectativa que alguém o oiça.

O Quê? é um solo curto, mas muito refletido. Curto, mas cheio de vontade de comunicar, mesmo que no fim essa vontade falhe. Em *O Quê?*, existe uma forte presença dos estados mentais e sociais, nos quais encontramos as personagens escritas por Samuel Beckett. É-lhes inerente o abandono social e espiritual. Desta forma, surge a incomunicabilidade. Quando se mergulha no absurdo, principalmente no de Beckett, as várias tentativas que as personagens fazem de comunicar e os vários fracassos são inquietantes. Existe, de facto, uma vontade de se expressarem, mas existe também um desespero tal, uma falta de fé na vida e no outro, que faz com que a incomunicabilidade surja.

Em Beckett, as personagens são incapazes de comunicar com o próximo, afundando-se na solidão, mesmo estando rodeadas por outras personagens. O mesmo acontece neste solo, em que o intérprete é incapaz de comunicar, afoga-se nas suas tentativas, mesmo que o público esteja lá para o ouvir. A inquietação que sentimos ao ver a boca frenética de Beckett está presente no nosso intérprete. Para mim, como criadora, é inegável o mergulho que este solo é no mundo do teatro do absurdo e do antiteatro de Beckett, mas é também uma tentativa de refletir sobre toda a sociedade nos dias de hoje. A intolerância, a tragédia, a violência e a morte têm avassalado os nossos dias nos últimos anos. Também a nossa fé na vida e no outro tem sido afetada. Estamos magoados, queremos explodir e vomitar todas as palavras e vontades que estão dentro de nós, mas não temos capacidade de ouvir. Só vontade de falar, desabafar. Também nós praticamos a incomunicabilidade.

Para além de todo este pensamento social e filosófico, existe, por detrás deste solo, uma enorme vontade de explorar movimento. Um auto-desafio de dar corpo a palavras, sensações e ambientes.

É um solo simples, coreograficamente falando, cheio de movimentos fixos ao literal das palavras, mas que reflete a vontade e a inquietação da alma. Por isso, não poderia deixar de mencionar o mágico que foi o encontro com o intérprete Pedro de Aires que, de uma forma cuidada e, diria, estoica, dá vida ao desassossego que é este solo.

— Mariana Silva